



Caderno 2

Memorial reabre seu auditório

Espaço estará de volta à atividade em 16 de dezembro

Pág. C5

ENTREVISTA

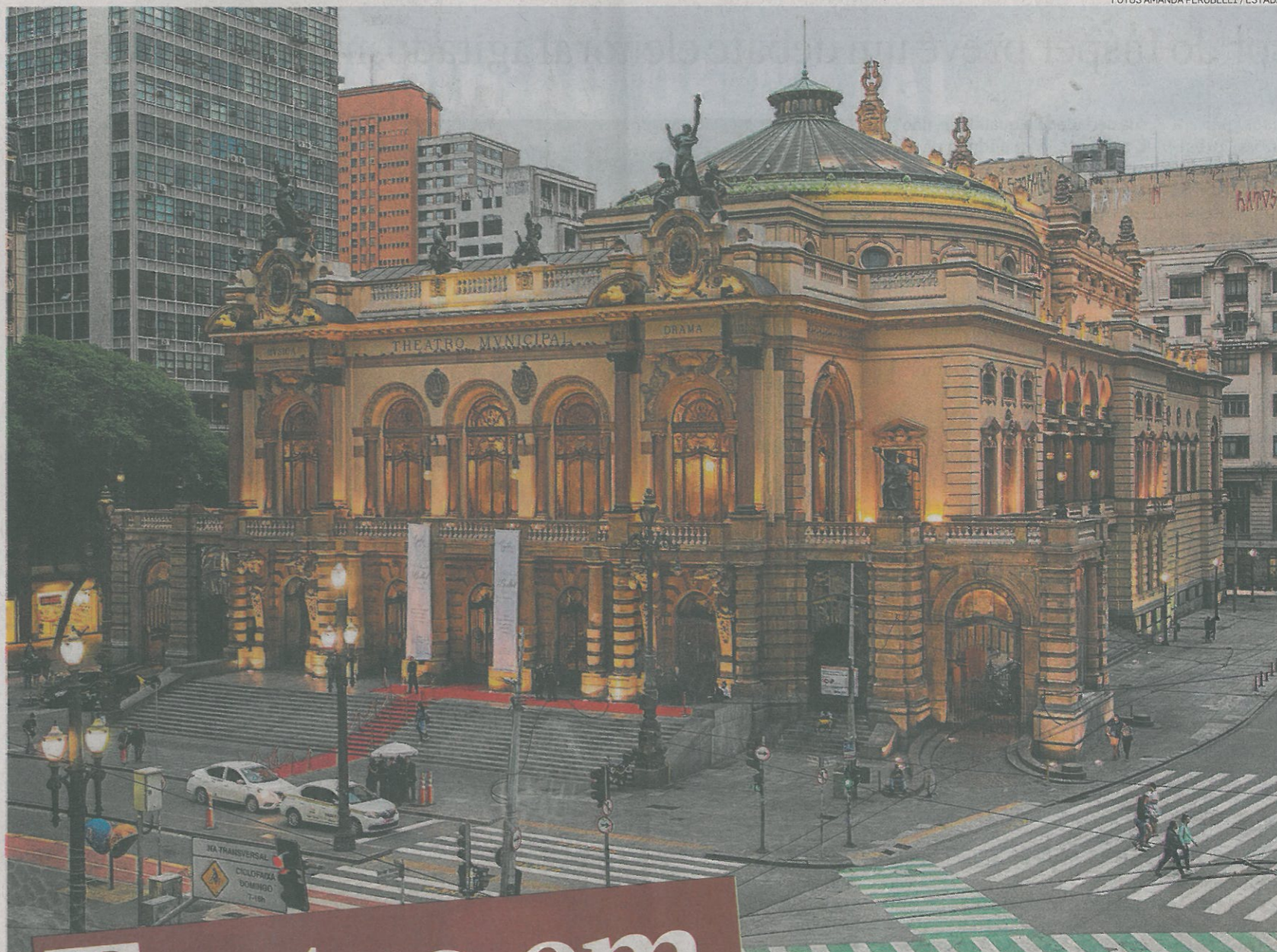
CARLOS GRADIM
PRESIDENTE DO INSTITUTO ODEON

João Luiz Sampaio
ESPECIAL PARA O ESTADO

O Teatro Municipal de São Paulo precisa passar por uma “mudança de cultura”, com novos processos internos e maior transparência, e com um planejamento estratégico a respeito de sua função e relação com a cidade. É esse o norte do trabalho que o Instituto Odeon, organização social responsável pela gestão do espaço, segundo seu presidente Carlos Gradim, vai desenvolver.

Responsável pela gestão do Museu de Arte do Rio (MAR), o Instituto Odeon assumiu o Municipal em setembro deste ano. Segundo Gradim, em sua primeira entrevista desde então, diagnósticos ainda estão sendo feitos, mas a temporada 2018 já está “90% pronta” e deve incluir quatro óperas (os títulos ainda não foram anunciados, mas o **Estado** apurou que o primeiro, em março, deverá ser *Turandot*, de Puccini).

● **Qual a impressão inicial a respeito do estado em que o Teatro Municipal se encontra?**
Ainda estamos em um momento de percepção. Somos conservadores, para atuarmos precisamos nos aprofundar. Não dá para mudar sem compreender o presente. E não paramos, não fechamos as portas enquanto isso. A gente sentiu, de qualquer forma, que não havia processos claros e, na nossa visão de gestão, isso é fundamental, pois estamos lidando com



FOTOS AMANDA PEROBELLI / ESTADÃO

Fachada. Nova OS defende busca por ressignificar o teatro perante as dificuldades dos últimos anos

“

Queremos ter uma resposta sobre para que existe o Municipal”
Carlos Gradim
PRESIDENTE DO INSTITUTO ODEON

Teatro em construção



qualquer forma, que não havia processos claros e, na nossa visão de gestão, isso é fundamental, pois estamos lidando com dinheiro público. E queremos criar um planejamento estratégico, uma visão, uma missão, que englobe o passado e o valor simbólico do Municipal. Queremos resgatar esse imaginário pois houve um momento de ruído recentemente. Estamos trabalhando para diagnosticar problemas e criar planos de ação. No MAR, abrimos as portas com um planejamento estratégico pronto. No Municipal, queremos discuti-lo com a sociedade, para entender como ressignificá-lo.

● **No caso do MAR, vocês montaram uma estrutura do zero, sem os vícios de uma instituição centenária como o Municipal. Além disso, vocês herdaram neste caso um teatro com programação anunciada sem antecedência, uma crise financeira, artistas com redução de salários, dívidas antigas. Como lidar com isso?** Há questões que não se negocia, como a necessidade de processos claros. Se você vai gastar dinheiro com algo, esse dinheiro precisa seguir um fluxo específico, por isso já criamos um sistema financeiro, para entender o caminho desde a ideia até a sua realização. Não somos idiotas. Se algo está dificultando o trabalho, vamos mover montanhas para corrigir isso,

construção

Novo gestor do Municipal defende maior transparência e planejamento estratégico

mas dentro da lei. Somos transgressores, mas responsáveis. Eu estaria mentindo se dissesse que não há uma cultura arraigada que estamos tentando modificar, não a fórceps e, sim, lidando com a memória de quem já estava aqui. Mas nosso papel é trazer outra visão.

● **Em termos de conceito, o Odeon compreende o Municipal como um teatro de ópera? Como estabelecer um diálogo de fato entre a difusão artística e o trabalho pedagógico desenvolvido pelas escolas de música e bailado e pelas orquestras de formação?** É o que queremos responder com o planejamento estratégico. Se há dúvidas, é porque não houve clareza na concepção. E a ausência de planejamento

deixa espaço para que se crie achismos sujeitos a gostos específicos. Olhando de fora, entendemos que a vocação primeira é a de um teatro de ópera, mas ele dialoga com outras vertentes da área cultural, tem o Balé da Cidade, por exemplo. Queremos ter uma resposta a respeito da missão do teatro, sobre para que ele existe. Vamos experimentar o Municipal de novo em todas as suas possibilidades, entendendo que um espaço público é um espaço para todos. Nesse sentido, a educação faz parte do nosso DNA e nos interessa aprofundar de modo racional e qualitativo a relação com as escolas.

● **O teatro hoje tem um conselho artístico. Está descartada a ideia**

de um diretor artístico?

Descartada não está. Mas entendemos que precisamos maturar, descobrir a nossa missão antes. Estamos saltando etapas, montando uma programação 2018 sem ter o planejamento estratégico. É um momento de transição entre onde estávamos e para onde queremos ir e é preciso, nessa hora, ter muita responsabilidade. A programação está 90% fechada, teremos quatro óperas e mais todo o resto.

● **E há orçamento para tanto?**

Nosso esforço maior é trazer dinheiro do mercado e, quando a imagem do teatro começar a mudar, isso vai acontecer. O prédio está bem cuidado, o público está aqui, há uma aura muito boa. Se somamos isso a um trabalho sério, com transparência, os aportes virão. Só com o dinheiro da prefeitura, é impossível. Temos uma folha de pagamento de quase 470 pessoas, 277 delas artistas, todas indispensáveis. E queremos trabalhar também parcerias com outros teatros. Essas redes são fundamentais.



Gradim. Experiência prévia no Museu de Arte do Rio (MAR)

PARA LEMBRAR

Teatro foi vítima de corrupção

O Instituto Odeon foi escolhido no final de agosto para gerir o Teatro Municipal pelos próximos cinco anos (e com um orçamento de R\$ 577 milhões) após a desclassificação do Instituto Casa da Ópera. A entidade substitui o Instituto Brasileiro de Gestão Cultural

(IBGC), que chegou ao teatro em 2013 e tornou-se centro de um escândalo de corrupção que levou ao desvio de cerca de R\$ 20 milhões do Municipal. No edital de contratação de nova OS, foi incluída pela prefeitura a cláusula que dá ao município o poder de indicar cargos como o de diretor artístico e regente titular, o que levantou dúvidas sobre a autonomia de gestão.

Relação com prefeitura deve ser de 'tensão saudável'

● **Para Gradim, autonomia de gestão da organização social é fundamental, mas não significa ausência de diálogo**

A relação entre a Secretaria Municipal de Cultura e a organização social responsável pela gestão do Teatro Municipal tem gerado discussões desde o início do ano. Apesar de defender a autonomia da OS, o secretário André Sturm nomeou cargos como o de regente titular e integra

o conselho artístico.

Carlos Gradim defende a autonomia como fundamental, mas afirma que ela não significa ausência de diálogo. "Quando um governo começa a interferir de fato? Vivemos isso agora no Rio (o MAR anunciou o desejo de levar ao Rio a exposição *Queermuseum*, mas a prefeitura do Rio se opôs). Chega um momento em que o poder público exerce uma autoridade que ele de fato tem. Mas ele não pode tapar a minha boca. Eu fui ao *Jornal Nacional*, falei o que acreditava, que o espaço público de cultura pertence à

sociedade e não ao governante. Se é público, é para todos, e não pode estar sujeito às crenças religiosas de um governante que começa a atuar como censor. No Municipal, tem havido diálogo. E se ele for uníssono, perde-se a tensão saudável."

Questionado sobre se é possível mantê-la "saudável" com a presença do secretário no conselho artístico, Gradim afirma que tem havido "respeito". "Temos lidado com isso bem. O conselho tem além de mim, da Tatiana Rubin, diretora executiva do teatro, e de André Sturm,

o Ismael Ivo, diretor do Balé da Cidade, e Roberto Minczuk, regente da Orquestra Sinfônica Municipal, artistas que nos foram colocados como condição. E que bom, são duas pessoas com personalidade. É um namoro ainda, mas que vai dar casamento. Tanto que já temos a grade do ano que vem pronta. E mesmo o Sturm tem proposto ideais importantes, como a de ter um conceito. A relação está bacana e saudável."

Ainda assim, essa configuração, independentemente deste caso específico e desses profis-

sionais, não afasta o fantasma de ingerências políticas no processo artístico, abrindo a possibilidade de que pessoas não alinhadas ao projeto acabem integrando a instituição por determinação da prefeitura? "Eu sou, em última análise, o empregador deles. Não gosto de radicalismos, mas no limite eu tomo a decisão final sobre a contratação. No limite, é isso. Eu digo 'que bom' porque Ismael Ivo e Roberto Minczuk são duas pessoas muito comprometidas. O Odeon não fará algo em que não acredite. Mas a relação, cada

um no seu quadrado, está se construindo bem."

Gradim defende a ideia de extinção da Fundação Teatro Municipal, proposta por Sturm, com o contrato de gestão passando a ser firmado diretamente entre OS e secretaria. "Não sei como surgiu essa configuração atual, mas em um primeiro momento acho a fundação completamente dispensável. Os órgãos de controle estão no poder público e isso não vai mudar. Um modelo começa a fluir bem quando você tem uma política clara pública e uma OS que faz eco a ela, pactuando direitos e deveres. Se uma instituição cria um modelo e uma visão, nenhuma secretaria pode mudar isso." / J.L.S.